

APRESENTAÇÃO

Performance e Escola

A noção de *performance*, entendida tanto como linguagem quanto como ferramenta de análise da ação humana, possibilita a reflexão sobre alguns aspectos da educação escolarizada e, a partir daí, pode nos levar a experiências diferentes daquelas proporcionadas por práticas tradicionais de ensino. Nesse contexto, ganham espaço temas que, muitas vezes, são marginais ao conjunto de valores e objetivos que regem a organização das instituições de ensino, dentre os quais: a centralidade do corpo nos processos de ensino-aprendizagem; o caráter de invenção e de intervenção na realidade; a possibilidade de pensar além da demarcação de saberes; a valorização dos processos vividos e não apenas dos resultados obtidos; o reconhecimento da potência das investigações de caráter autobiográfico.

A interseção da *performance* com a educação nos possibilita pensar para além daquilo que tem sido tematizado como fracasso ou sucesso escolar, sugerindo uma forma de organização pautada pela experiência coletiva. Nesse sentido, somos convidados a questionar as estruturas cristalizadas da instituição escolar, o pensamento hegemônico, pois na *performance* não há conteúdo predeterminado, nem programa ou currículo que se sustente sem os participantes do processo de ensinar-aprender.

Mas como esse conceito — que circula por diversas áreas do conhecimento, que gera práticas extremamente provocativas e que se realiza justamente (e necessariamente) nas fronteiras de diferentes campos do conhecimento — pode contribuir para a educação?

Em diálogo com a necessidade de estabelecermos novos marcos para as nossas instituições de ensino, as pesquisas que abordam a relação entre *performance* e educação apontam para diferentes e instigantes caminhos de reflexão e ação, configurando-se como uma importante arena de discussão sobre questões relacionadas aos processos de ensino-aprendizagem que têm lugar na educação escolarizada.

Nos marcadores teóricos e metodológicos dessa discussão, apresentamos aqui um conjunto de artigos de diferentes pesquisadores que se propõem a discutir aspectos específicos à escola sob a lente da *performance*.

Com efeito, este caderno temático procura dar visibilidade a um campo em emergência no Brasil, qual seja, o das pesquisas em *performance* na escola. Contudo, é preciso lembrar — e isso ficará mais claro com a leitura dos artigos aqui apresentados — que não se trata de uma problematização da *performance* como forma de arte a ser ensinada na escola, tampouco da inserção de práticas artísticas na educação básica. Mas, sem eliminar tais possibilidades, as relações entre *performance* e educação nos possibilitam circunscrever a escola, o trabalho do professor e dos alunos, o comportamento cotidiano, os rituais escolares, as construções sociais e os marcadores de gênero, classe social, raça, etnia, entre outros, *como performance*.

Pensar a escola sob o ponto de vista da *performance* não elimina pensar sua performatividade (e talvez essa seja a acepção de *performance* mais conhecida na pesquisa em educação no Brasil), porquanto a pensemos como desempenho (do aluno, do professor, da escola, da avaliação, dos sistemas etc.). Entretanto, as acepções aqui empregadas não se sustentam apenas no diagnóstico que desenha a educação como campo de performatividade no qual a escola performa a si mesma para atender a determinadas políticas; elas se estendem muito além, para nos ajudar a compreender como todos nós, na escola e fora dela, performamos a nós mesmos e ao outro de modo a repetir comportamentos que se tornam rituais de contínua constituição de sujeitos.

E se a *performance* é isto também — a repetição de comportamentos determinados socialmente —, ela é, ainda, a possibilidade de deles derivar, de contra eles trabalhar e de romper com tudo aquilo que é programado, preparado, repetível.

Os textos aqui elencados fazem — de diferentes maneiras e por distintas abordagens teóricas — o esforço de mostrar as possibilidades dessa ruptura e sua potência para compreendermos a escola como lócus da *performance* (repetição), como operação performática (ruptura) e como construção performativa (reconstrução) de sujeitos.

O primeiro deles, *Por uma pedagogia performativa: a escola como entrelugar para professores-performers e estudantes-performers*, é assinado por Mônica Torres Bonatto e Gilberto Icle. Nele, os autores descrevem três experiências performáticas na escola de educação básica para com elas construir duas noções de uma pedagogia performática: a escola como entrelugar e o professor-*performer* e o aluno-*performer*.

Pedagogia crítico-performativa: tensionamentos entre o próprio e o comum no espaço-tempo escolar, de Marcelo de Andrade Pereira, discute, por intermédio dos conceitos de próprio e de comum, os processos de interação entre educadores e educandos. Com acento filosófico, o ensaio prospecta nas obras de Todorov, Agamben e Rancière um conjunto de argumentos para pensar (e propor) uma pedagogia crítico-performativa.

Em *Desafios da diversidade em sala de aula: um estudo sobre performance narrativas de crianças imigrantes* lê-se um estudo etnográfico-propositivo no qual a autora, Luciana Hartmann, trabalha com crianças imigrantes em duas escolas francesas. Nesse trabalho, tomando como base os estudos da *performance*, a antropóloga produz com as crianças *performance* narrativas com o intuito de verificar as possibilidades transformativas (performativas) dessas narrações.

No artigo seguinte, *Guerra de maçãs e seus desdobramentos: a escola como paisagem performativa*, a autora Marina Marcondes Machado narra um episódio acontecido em sala de aula (guerra de maçãs) e o analisa à luz das teorizações performativas, procurando compreender (e mesmo propor) a escola como espaço convivial.

Carmina Mendes André, por sua vez, em *O que pode a performance na escola?*, expõe o resultado de três pesquisas que promovem a inserção da arte contemporânea em projetos pedagógicos de escola de educação básica. As pesquisas relatadas servem como alinhavo para a discussão sobre ética e política no seio da escola, em especial no ensino de arte.

Com ênfase nas questões relativas ao corpo, Paulina Caon problematiza o jogo, a *performance* e a performatividade como modulações de corporalidade com o intuito de analisar o cotidiano escolar. O texto, intitulado *Jogos, performance e performatividades na escola: das experiências corporais à problematização de discursos*, propõe tais marcadores como possibilidade de reordenar, suspender e subverter os discursos hegemônicos sobre e na escola.

Por fim, *Aportes de perspectivas analíticas sobre performance, performatividad, cuerpo y afecto para la comprensión de la producción de sujetos generizados en la escuela*, único texto em espanhol, de Ana Sabrina Mora, discute as *performance* de gênero na escola, compreendendo-as como construções paulatinas incrustadas na constituição cotidiana dos sujeitos. Esse marcador se faz na análise de diferentes modelos teóricos como a antropologia da *performance*, a análise da performatividade de gênero, a socioantropologia do corpo e a perspectiva do chamado *giro afetivo*.

Temos em mente que esses textos ajudarão os leitores a reconfigurarem o que sabemos sobre as relações entre *performance* e escola. Desejamos uma leitura entusiasmada como foi a nossa.

Gilberto Icle¹

Mônica Torres Bonatto²

Marcelo de Andrade Pereira³

Organizadores

Recebido em 04 de outubro de 2016.

Aprovado em 23 de fevereiro de 2017.

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação – Porto Alegre (RS), Brasil. E-mail: gilbertoicle@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Colégio de Aplicação – Porto Alegre (RS), Brasil. E-mail: mo.bonatto@gmail.com

³Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação – Santa Maria (RS), Brasil. E-mail: doutorfungo@gmail.com